

## A FEB NA ITÁLIA (\*)

Gen R/1

HELENÓ SOARES CASTELAR

Honrados com o convite do Comandante dêste Estabelecimento de Ensino Militar, aqui nos encontramos para proferir uma palestra sobre "A FEB na Itália", campanha de que tivemos a honra de participar como Capitão, no efetivo do QG da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE).

O tema comporta desenvolvimento sob múltiplos aspectos, graças à variedade de fatos, circunstâncias, ao emprégo de armas e serviços, às relações de comando, conseqüências, enfim a tôdas as particularidades envolvidas no desempenho de nossa missão.

Como se trata de dar um conhecimento geral do episódio histórico, vamos fazer uma exposição apenas descritiva, resumida e cronológica dos principais fatos. E fazendo-a a jovens nascidos alguns anos depois do último conflito mundial, é aconselhável incluir expando as circunstâncias dentro de cujo quadro se situou a atuação da FEB.

Derrotada na I Grande Guerra, de 1914 a 1918, a Alemanha foi submetida a imposições dos aliados vencedores, que a obrigaram a reparações pelos prejuizos causados, e estabeleceram limitações e contrôles de tôda a sorte para evitar que se preparasse para uma nova guerra.

Reduziram seu exército a 100.000 homens, proibiram-lhe o direito de fabricar determinados tipos de armas, impediram-na de ocupar militarmente determinadas áreas de seu território, enfim, cercearam-lhe a liberdade.

Cedo, porém, os aliados retiraram da Alemanha a Comissão Militar Interaliada de Contrôles, sob o pretexto de que o país havia sido desarmado, e se entregaram a uma intensiva política mundial de desarmamento.

Surgiram então na Alemanha partidos políticos que, em suas campanhas, passaram a explorar os sentimentos do povo, contra as restrições aliadas e contra as fortes ameaças do comunismo.

(\*) Palestra proferida no CPOR do Recife.

Adolf Hitler, um simples cabo da I Grande Guerra, fillou-se a um desses partidos, e cedo conseguiu elevar-se a líder por sua dedicação e inteligência, transformando-se em ídolo.

Princípios filosóficos da escola alemã passaram a ser explorados, pregando-se a idéia do super-homem, a força bruta e a superioridade da raça alemã.

Alliando-se a militares de prestígio, persuasivo, contagiante, inteligente, perspicaz, Hitler conseguiu fazer-se Chanceler e logo depois Presidente da Alemanha. O Partido Nazista chegara assim ao poder.

Servindo-se de um genial planejamento, iniciou disfarçadamente o rearmamento da Alemanha. Os aeroclubes civis preparavam pilotos militares; os 100.000 homens permitidos ao seu exército passaram a ser instruídos para constituir os quadros do futuro grande exército; organizou a instrução de oficiais de Estado-Maior; carros de combate e armamentos pesados eram confeccionados, como os aviões, em peças, por fábricas diferentes, ocultados, para montagem no momento oportuno.

Sentindo-se forte, Hitler decretou publicamente a conscrição geral. A Inglaterra teve então conhecimento de que as Forças Aéreas Alemãs já haviam atingido um nível de eficiência superior ao da RAF. O exército alemão estava com um efetivo de 1.411.000 homens, muito além dos 100.000 permitidos pelo Tratado de Versalhes, enquanto o da França possuía apenas 628.000.

Aproveitando-se das indecisões da França e da Inglaterra, Hitler passou à fase da anexação de nações vizinhas, auxiliado pelo que foi denominado de "5ª coluna", isto é, partidos nazistas e simpatizantes naquelas nações, que preparavam o clima de receptividade aos alemães. Anexou assim, a Áustria, Tcheco-Eslováquia e territórios da Lituânia.

Crescia em todo o mundo, mesmo no Brasil, a legião dos germanófilos. Vivia então o mundo um clima de apreensões sobre o futuro da humanidade, diante da insaciabilidade de Hitler.

Dando início à sua grande aventura, os alemães, no dia 1.º de setembro de 1939, invadiram a Polônia. Imediatamente a França e a Inglaterra se declararam em luta contra a Alemanha. Estava iniciada a II Grande Guerra.

Em maio do ano seguinte os alemães abriram as hostilidades contra a França, invadindo-lhe fulminantemente o território através da Holanda, Bélgica e Luxemburgo, derrotando o Exército Francês e a Força Expedicionária Inglesa. Como não pudessem invadir a Inglaterra, submeteram-na a terríveis bombardeios aéreos. Os alemães pareciam irresistíveis e passaram à ocupação de quase toda a Europa.

A Alemanha, a Itália e o Japão haviam assumido um compromisso de se auxiliarem mutuamente, por todos os meios ao seu alcance. A Itália, sob o domínio fascista de Mussolini, declarou guerra aos aliados. Os japoneses, em 7 de dezembro de 1941, atacaram de surpresa a guarnição americana de Pearl Harbour, abrindo as hostilidades no Pacífico e envolvendo os Estados Unidos no grande conflito mundial.

Não obstante o fragor da guerra que envolvia a Europa, os navios brasileiros de longo curso mantinham as suas rotas, para assegurar o ritmo de nosso comércio exterior. Quando a Alemanha julgou que isso interferiria na sua política de bloqueio marítimo, começou a torpedear os navios brasileiros que navegam em águas internacionais. Perdemos nessa fase 9 barcos.

Por fim, invadiu de maneira provocante nossas águas territoriais para exercer também aqui o bloqueio, sem qualquer declaração de guerra. No dia 15 de agosto de 1942 cinco navios mercantes foram inesperadamente torpedeados à vista de nossas praias, ceifando a vida de centenas de irmãos. Foi uma tragédia nacional.

Diante dessa ofensa aos brios nacionais, a reação do povo brasileiro foi violenta, incluindo-se passeatas de indignação e destruição de bens dos súditos do Eixo, controladas pelas autoridades com muita dificuldade.

No dia 22 de agosto o nosso Governo reconheceu oficialmente a situação de beligerância entre o Brasil e as nações agressoras — Alemanha e Itália — e a 31 declarou o estado de guerra em todo o território nacional. A 16 de setembro foi decretada a mobilização geral.

A partir daí os alemães torpedearam mais 13 navios nossos, totalizando 31 embarcações, correspondentes a 20% de toda a arqueação da Marinha Mercante Brasileira. Todo o transporte marítimo, indispensável à nossa sobrevivência, passou então a ser feito em comboios, sob eficiente escolta da nossa heróica Marinha de Guerra e proteção de nossa incansável Aeronáutica.

País de formação e orientação política eminentemente pacíficas, suas Forças Armadas estavam despreparadas para atender aos imperativos de uma guerra. Sua organização, instrução e doutrina de emprêgo obedeciam aos modelos franceses.

Com a mobilização, os efetivos do Exército rapidamente atingiram a 180.000 homens. A formação de oficiais intensificou-se na Escola Militar e nos CPOR. A dos graduados passou a ser feita em massa nas unidades, cabendo a dos especialistas aos Centros de Instrução Especializada que foram criados. Oficiais foram enviados aos Estados Unidos, com o fim de se adaptarem aos novos materiais que começaram a ser adquiridos e de estudarem suas doutrinas e organização militares.

Pelos entendimentos entre as autoridades brasileiras e norte-americanas, ficou firmemente estabelecido que seria organizada uma Força Expedicionária Brasileira de 60.000 homens, constituída de um Corpo de Exército a 3 Divisões de Infantaria e Elementos de Corpo, inteiramente nos moldes da organização adotada no Exército dos Estados Unidos. O material e os artigos de subsistência no Teatro de Operações seriam de origem norte-americana, comprados através do "Lend lease".

Foi criada inicialmente, em 9 de agosto de 1943, a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, com elementos recrutados em todo o País para completar os efetivos de guerra de unidades já existentes.

Pouco depois ficou estabelecido que a colaboração militar do Brasil se limitaria apenas a uma Divisão e a alguns Elementos de Corpo e dos Serviços estritamente indispensáveis à vida e ao emprego da Divisão, com um efetivo total de 25.445 homens.

Era realmente uma representação modesta, mas, de qualquer forma, expressiva, porque representava os mais puros e ardentes sentimentos do povo, desejoso de um revide à altura de suas tradições.

Coube então ao General João Baptista Mascarenhas de Moraes o comando da Força Expedicionária Brasileira, cumulativamente com o da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária.

O General Mascarenhas era um dos mais dignos e capazes Generais do Exército. De caráter enérgico e austero, era realmente o chefe talhado para essa difícil e histórica missão. Fez um estágio no Exército norte-americano, onde tomou contato com a sua organização, meios e processos de emprego.

Secundavam-no na FEB três outros valorosos generais de alto prestígio militar: Euclides Zenóbio da Costa, valente, vibrante, impulsivo, Comandante da Infantaria Divisionária; Oswaldo Cordeiro de Farias, hábil, prudente, Comandante da Artilharia Divisionária; Olympio Falconiere da Cunha, Inspetor-Geral.

Os comandantes de unidades e chefes de Serviços foram recrutados entre os mais distintos oficiais. As demais funções foram confiadas a oficiais de elite e oficiais jovens, muitos provindos dos CPOR.

As unidades foram concentradas na Vila Militar, no Rio de Janeiro, onde recebiam instrução intensiva.

Finalmente, no dia 3 de julho de 1944, foi completado, dentro de relativo sigilo, o embarque do 1.º Escalão, com cerca de 6.000 homens, constituindo um Grupamento Tático, parte do Quartel-Genral, da tropa e dos serviços divisionários e elementos de retaguarda.

Transposta a barra do Rio de Janeiro sob viva emoção, o imponente navio-transporte norte-americano "General Mann", em alta velocidade e zigzagueando, tomou o rumo de Gibraltar, através de um oceano infestado de submarinos ávidos por nos desmoralizar. Ia escoltado por poderosos navios de guerra brasileiros e norte-americanos.

Na manhã de 16 de julho o 1.º escalão de Embarque chegou a Nápoles. Daí deslocou-se para Tarquinia, ao norte de Roma, onde recebeu equipamento e armamento, depois do que se deslocou para Vada, a 17 de agosto. Aí foi iniciado um intenso período de treinamento e feita solenemente a incorporação ao V Exército.

É interessante dar a situação geral do Teatro de Operações Ocidental Europeu nessa ocasião: as Forças Aliadas, com base na Inglaterra, haviam atravessado o Canal da Mancha e desembarcado na Normandia, iniciando a invasão da França e do continente europeu. O VII Exército dos Estados Unidos acabara de chegar no Sul da França, com a missão de apoiar os exércitos desembarcados ao Norte. Na Itália, o V Exército, integrado por forças internacionais, havia transposto o rio Arno e se encontrava no flanco Oeste do VIII Exército Inglês, completando uma linha contínua que dividia a Itália de Leste a Oeste.

O V Exército necessitava de efetivos para a ofensiva que deveria iniciar. Por isso, no dia 14 de setembro, após rigorosos exercícios de verificação, coroados por um violento teste-confronto montado pelo V Exército, em que foi julgado em condições de emprêgo, o Destacamento da FEB, sob o comando do General Zenóbio e composto do 6.º RI, do I GO 105, do Esquadrão de Reconhecimento, de elementos de tropa e serviços divisionários, deslocou-se de Vada para Ospedaletto, para cumprir a seguinte missão:

"Substituir elementos do 370.º RI e do 343.º GAAAe na região de Vecchiano-Massaciuccalli-Filetto. Manter contato com o inimigo e sondar-lhe os dispositivos por meio de vigorosa ação de patrulhas. Caso o inimigo se retire, persegui-lo mediante ordem do 4.º CEX. Manter contato com a 1.ª DB que opera a Leste".

Era a primeira missão que a FEB recebia. A frente era larga e o terreno extremamente acidentado.

No dia 15, entre 19 e 22 horas, todo o Grupamento Tático havia completado a operação de substituição, ficando inteiramente responsável por uma frente de 9 km. Na madrugada de 16, o Destacamento iniciou a marcha para tomada de contato, sob fogos de artilharia e de armas automáticas. Era o batismo de fogo da FEB.

O nervosismo e a prudência iniciais foram logo superados. Seguiu-se sucessivamente a conquista de Massarosa, Bozzano e Chiesa,

que se achavam em poder dos alemães. Nossa tropa adquiria surpreendente desenvoltura.

Seguiu-se a conquista da Camaiore, importante centro de comunicações e abastecimento dos alemães, rede de comando importante que controlava todo o vale imediatamente vizinho da "Linha Gótica", que englobava todas as linhas de alturas da cordilheira dos Apeninos.

A posse de Camaiore, porém, estava ameaçada pelo domínio de vistas e de fogos assegurado ao inimigo pela posse de Monte Prano, de 1.220 m de altitude. Em manobra envolvente, concebida pelo Gen. Zenóbio, o 6.º RI, após três dias de duros combates, conquistou Monte Prano e uma série de elevações importantes, fazendo 32 prisioneiros. Estavam encerradas as operações nesse flanco. Na tropa brasileira dominava o entusiasmo e a euforia.

Vale aqui destacar a profunda impressão causada aos chefes americanos por aquêle tipo de chefe que era o General Zenóbio, insofreadível, destemido, que demonstrava extraordinária capacidade de apreensão e uma desenvoltura como se estivesse empenhado na campanha havia anos. Era um chefe que pedia missão e partia, sem perda de tempo para a execução, dando exemplo de destemor, pois estava sempre junto aos escalões mais avançados. E quando percebia vacilação ou excesso de precaução, êle, em pessoa, se colocava à frente, ia para os pontos mais visados pelo inimigo, num desafio que muitas vezes mereceu críticas. Era um chefe talhado para a guerra. Uma vez comandou, com requintes de temeridade, a infiltração de uma companhia. Para êle o que existia era o imperativo da missão.

Com os exemplos de um chefe como o General Zenóbio, cedo já o 6.º RI atuava desembaraçadamente, sem inibições, na luta em plena cordilheira, com o seu magnífico efetivo de oficiais e praças, que agiam como veteranos.

Decidiu então o 4.º Corpo que o nosso Destacamento seria transferido para o setor do vale do rio Serchio, a fim de ser tentada uma penetração na direção de Castelnuovo de Garfagnana. O deslocamento foi realizado nos dias 1 e 2 de outubro, tendo o Destacamento cumprido as missões que recebeu.

Aguardava-se então, ansiosamente, a chegada do grosso da 1.ª DIE. Finalmente, no dia 5 de outubro, chegaram a Nápoles os 2.º e 3.º Escalões de Embarque, com cerca de 10.500 homens.

Esses Escalões foram extremamente beneficiados com a experiência colhida pelo 1.º Escalão, que ao chegar a Nápoles atravessara uma fase difícil, devido à falta de providências para provê-lo dos meios indispensáveis à sua vida inicial no Teatro de Operações. Foram recebidos por companheiros do 1.º Escalão, que lhes prepararam, nas proximidades de Pisa, um acampamento dotado de todos os

recursos para proporcionar relativo conforto desde a hora da chegada. Os êxitos do 1.º Escalão, por sua vez, tonificaram o moral dos recém-chegados.

Foi então iniciada a fase de recebimento de material e a da instrução, indispensável à sua preparação para entrar em combate. A primeira fase foi um tanto prejudicada, devido à carência momentânea de material. Este fato trouxe grandes aborrecimentos ao nosso Comandante. A importante fase da instrução foi, infelizmente, abreviada por ordem do V Exército, que necessitava urgentemente de novos efetivos.

Essa deficiência de instrução, como não poderia deixar de ser, se fez sentir com grande prejuízo para nós, quando a tropa recém-chegada se engajou em combate, insuficientemente preparada. Pagamos um alto preço por uma culpa que não nos cabia. Pode-se dizer que essa parte da tropa brasileira foi treinada em ação, com conseqüências desagradáveis, para mais tarde, porém, dar sobejas provas do seu verdadeiro valor.

Em 30 de outubro o V Exército deu nova missão à 1.ª DIE. Em conseqüência da nova Ordem de Operações, a partir de 4 de novembro, iniciou-se o deslocamento para sua nova área operacional no vale do Rio Reno, no coração dos Apeninos. A 23 completou-se o deslocamento.

O setor atribuído à 1.ª DIE cobria um extenso vale, tendo ao fundo o famoso maciço Belvedere — Monte Castello — Monte Della Torraccia, onde os alemães se encontravam sólidamente instalados, dominando, por meio de excelentes observatórios, todo o nosso vale, incessantemente sujeito aos tiros da artilharia inimiga.

Nesse grande compartimento do Reno permanecemos todo o inverno 1944/1945, com neve permanente. Foi êsse diabólico terreno, de beleza espetacular em tempo de paz, que nos ensinou a suportar sofrimentos, a aprimorar nossa personalidade, a enfrentar e vencer aspectos da guerra que até então desconhecíamos.

Vivíamos sob a tirania daqueles observatórios. Para cegá-los, durante o dia cobriamo-nos com extensa neblina química, e durante a noite poderosos refletores antiaéreos eram concentrados sobre eles, tornando impossível qualquer observação, e ao mesmo tempo facilitando os movimentos noturnos de nossas viaturas em "black-out", na faina das substituições de tropas e de transporte de suprimentos graças ao luar artificial que formava a luz refletida sobre nossas cabeças.

Apesar de tudo, a aviação inimiga permanecia ativa e a artilharia martelava incessantemente nosso QG avançado em Porreta, nossas posições, estradas e estacionamento.

A obsessão dos comandos era a posse de Monte Castello. Mas isso não era tarefa para ser realizada por uma só Divisão, porque Monte Castello era apenas uma parte proeminente de um sistema orográfico altamente fortificado.

Contudo, por determinação do 4.º Corpo, quatro tentativas de porte médio foram realizadas por tropas brasileiras, infelizmente sem êxito, apesar da obstinação e espírito de sacrifício dos nossos homens. Isto se passou nos dias 24, 25 e 29 de novembro e 12 de dezembro de 1944, em pleno inverno, sob condições atmosféricas as mais adversas. Só no dia 29 tivemos cerca de 200 baixas; no dia 12, cerca de 140.

Monte Castello tornou-se para nós um pesadelo. Aquela defesa organizada e obstinada do inimigo estava indiscutivelmente comprometendo o ânimo e pondo em dúvida o espírito ofensivo do soldado brasileiro, com reflexos até na confiança que o Governo Brasileiro depositava na sua Força Expedicionária.

Confortava-nos de certo modo, a nós que estávamos no campo de batalha, saber que também as demais tropas do V Exército, com a integridade de meios, não conseguira descer os Apeninos rumo a Bologna para cumprir sua missão. Nem mesmo o VIII Exército Britânico, com toda a experiência de sua gloriosa campanha, conseguira romper os baluartes germânicos do lado do Adriático. Toda a tropa aliada na Itália estava detida. Não havia mais dúvida de que a conquista dos Apeninos só seria possível no fim do inverno.

Em 8 de fevereiro o 4.º Corpo baixou nova Ordem de Operações, denominada "Plano Encore", com caráter de preliminar para a grande batalha da Primavera que se desencadearia em seguida, para conquista do vale do Pó. O objetivo era a conquista definitiva do maciço Belvedere — Monte Castello — Monte della Torraccia e das alturas e divisores dos rios Reno e Panaro. Agora todo o sistema orográfico seria atacado por duas divisões — a 1ª DIE e a 10ª Div de Montanha, fortemente apoiadas por artilharia, blindados e aviação.

Decidiu o Comandante da 1ª DIE que a glória da tomada de Monte Castello caberia ao 1.º RI, que tomara parte nos ataques frustrados de 29 de novembro e 12 de dezembro. Ao 1.º RI caberia o esforço.

Na manhã de 20 de fevereiro, dentro dos horários fixados, a 1ª DIE e a 10ª Divisão de Montanha lançaram-se de suas bases de partida. Mas o fizeram sob um poderoso fogo de contrapreparação inimiga, como se tivesse havido quebra do sigilo.

A luta foi árdua. O terreno era disputado palmo a palmo, com os nossos homens superando com agressividade a desvantagem do terreno descoberto sobre que atuava. Por fim, às 18 horas do dia seguinte ao do início do ataque, em uma ação envolvente simultânea

e uma ação frontal, caracterizadas pelo ardente desejo de vencer e superar o impossível, impulsionadas pessoalmente pelo General Zenóbio, o 1.º RI ocupava Monte Castello.

Nossos homens estavam repletos de euforia pelo feito que nos reabilitava perante os comandos superiores e perante nós mesmos.

Algumas horas depois chegou ao PC Divisionário o General Crittenberger, que ao defrontar-se com o General Mascarenhas, se deteve, levou a mão à pala do seu capacete, em continência e, com voz pausada, falou emocionado: "General Mascarenhas: Estou aqui para trazer os agradecimentos do Exército dos Estados Unidos à FEB, pelo brilhante feito da conquista de Monte Castello, demonstrando espírito ofensivo e vontade firme de se impor ao inimigo". Essas palavras foram depois reforçadas em um honroso ofício dirigido ao Cmt da FEB.

Sob violento fogo inimigo, com o 1.º RI ainda na ação principal, a 1ª DIE continuou a desenvolver uma ação ofensiva magnífica, das mais expressivas e brilhantes de sua campanha. Seguidamente foram conquistadas La Serra e Bella Vista, seguindo-se Roncavecchio Senevoglio, ficando aí encerrado o episódio complementar da conquista de Monte Castello.

Passou-se então a encarar o prosseguimento da ofensiva, visando Castelnuovo, última etapa do "Plano Encore", baluarte que oferecia forte reação. Sua conquista, após uma jornada inteira de duros combates, coube ao 6.º RI.

Realmente não é fácil compreender-se hoje o que aqueles fatos, aparentemente simples, significaram para o nosso prestígio de combatentes e para o próprio prestígio nacional.

No dia 14 de abril iniciou-se a ofensiva da Primavera, visando à invasão do vale do Pó e à desorganização das forças inimigas. O objetivo inicial da 1ª DIE era a cidade de Montese, fortemente defendida, flanqueada por um sistema orográfico que constituía verdadeiro baluarte e cercada por extensos campos de minas.

Montese foi conquistada às 18 horas de 14 de abril pelo I/11.º RI, sob o comando do Major Manoel Rodrigues de Carvalho Lisboa, um dos ex-comandantes deste CPOR.

A 1ª DIE prosseguiu na ofensiva com maior intensidade. Em 20 de abril o 6.º RI conquistou a cidade de Zoca.

A partir daí, em toda a frente do V e VIII Exércitos, a retirada alemã já era uma grande manobra, com resistências em pontos críticos indispensáveis à retirada em direção ao Passo de Brenner.

A Divisão Brasileira coube a missão de cobrir o eixo Modena — Piacenza, envolvendo poderosas forças inimigas vindas do Sul pelas

estradas de saída do Norte dos Apeninos, principalmente a 148ª DI alemã, que operava na zona costeira de La Spezzia.

A tropa brasileira se deslocava com velocidade cada vez maior, desbaratando a resistência inimiga, até que, ao conquistar Collecchio, os prisioneiros informaram que a 148ª DI ia tentar avançar na direção Fornovo — Collecchio — Parma, para juntar-se ao 75.º Corpo alemão no vale do Pó, visando a uma batalha de grande envergadura.

O Cmt do V Exército manifestou-nos sua apreensão, demonstrando tóda a gravidade que alcançaria o panorama estratégico do vale do Pó, caso a 148ª DI, na plenitude de seus meios, varasse o cêrco da 1ª DIE. O Comando brasileiro assegurou que a Divisão inimiga não passaria.

Assinalada a vanguarda da 148ª DI, a tropa brasileira começou a atacar com grande agressividade, enfrentando uma reação inimiga cada vez mais violenta, causando-nos muitas baixas. O inimigo admitiu então que estava cercado e impossibilitado de prosseguir em sua missão, sendo inútil prolongar a luta.

As 23 horas de 28 de abril, diante de nossas primeiras linhas, apresentaram-se oficiais alemães, credenciados por seu comandante, para cessar a luta. Pediram condições. A resposta foi: "Rendição incondicional", aceita pelo comando alemão. A partir das 17 horas de 29, começou a apresentação e o desarmamento do inimigo, vencido pela força de nossas armas e da nossa determinação. Eram ao todo 14.779 prisioneiros, milhares de viaturas, animais, copioso armamento e outros materiais.

A 1ª DIE prosseguiu, ocupando Alessandria sem encontrar resistência. Estava cumprida nossa missão. A Alemanha rendera-se incondicionalmente. Era 8 de maio de 1945.

O desejo do Comando Brasileiro era agora o de regressar ao Brasil o mais breve possível. E em virtude de entendimentos com os comandos superiores, foi indicada a área de Francolise, nas proximidades de Nápoles, para a tropa brasileira estacionar, como última etapa, antes de regressar ao Brasil.

O 1.º Escalão embarcou no navio transporte General Meiggs no dia 6 de julho, chegando ao Rio de Janeiro a 18, sob apoteótica recepção do povo carioca. Os demais Escalões regressaram em seguida. Alguns meses depois a FEB foi dissolvida.

Em 239 dias de ação continua contra o inimigo, a FEB apresentou os seguintes dados: efetivo, 25.334 homens; mortos 451, sendo 13 oficiais; feridos, 2.722; prisioneiros em poder do inimigo 1 oficial e 34 praças; extraviados, 23. Fêz 20.573 prisioneiros, dos quais 2 generais e 892 oficiais.

Devemos salientar que fizemos aqui apenas um relato excessivamente resumido dos fatos principais que marcaram a atuação da

FEB na Itália. Cada fato citado poderia ser desdobrado em extensas narrativas, valiosos detalhes e em críticas e análises cheias de ensinamentos. Tudo isso já foi tornado público em numerosos livros publicados por expedicionários.

Vamos entretanto citar alguns fatos que os alunos do CPOR devem saber.

A tropa de infantaria responsável por uma frente, deve manter permanente contato com o inimigo, a fim de conhecer seus primeiros dispositivos, fazer prisioneiros, destruições e realizar numerosas outras missões. Essa atividade é desempenhada por meio de patrulhas. Diz-se que se conhece a infantaria pelo valor de suas patrulhas. É u'a missão que exige de seus participantes qualidades excepcionais de iniciativa, disciplina, determinação e coragem. As mais belas páginas da história da FEB são ricas em episódios que registram os feitos de suas patrulhas, comandadas por tenentes ou sargentos. Alguns Batalhões possuíam pelotões especializados para essas missões, constituídos por voluntários, homens valentes, dispostos a tudo, fortes e excepcionais. Um desses pelotões era comandado pelo bravo Sargento Wolff, um dos mais destacados heróis da FEB, morto em ação quando ia muito além do cumprimento do dever.

Houve casos marcados por um profundo conteúdo humano, caracterizado pelo sentimento de solidariedade. Um deles, muito emocionante, é o de um soldado que ao regressar com sua companhia à base de partida, após um ataque profundo, mas mal sucedido, a Monte Castello, constatou que o Capitão, seu amigo, não regressara. Ao escurecer, sem comunicar a ninguém a sua decisão, voltou ao local onde a companhia fôra detida, dentro das linhas inimigas. Localizou o seu Capitão, gravemente ferido, colocou-o nas suas costas e iniciou a penosa marcha de regresso, através de quilômetros de terreno difícil. Ao amanhecer, extenuado mas feliz, chegou às nossas linhas.

Outro caso dignificante é o do Tenente Célio Regueira, pernambucano aqui do Recife, que ao regressar com sua patrulha, após o cumprimento de missão, verificou que um bravo soldado, que sempre o acompanhava, não voltara. Retornou sozinho ao local onde atuara e encontrou o pracinha. Ao tentar carregá-lo, foi atingido por uma rajada de metralhadora, caindo gravemente ferido. Prevendo que algo acontecera ao seu comandante, alguns homens do seu Pelotão voltaram para resgatá-lo e o conseguiram.

É oportuno salientar a valiosa participação dos CPOR nas atividades da FEB, através de 416 oficiais ali formados, dos quais cerca de 300 de Infantaria, com relevante atuação como comandantes de Pelotão, alguns com menção especial por atos de bravura.

Os nossos companheiros mortos no Teatro de Operações foram inicialmente sepultados em cemitérios norte-americanos. Posterior-

mente foi selecionada uma área nos arredores de Pistóia, ao pé dos Apeninos, e aí instalamos o nosso próprio cemitério, para onde trasladamos os restos de todos os companheiros que se encontravam sepultados em numerosos e dispersos locais. Hoje, todos se encontram no Rio de Janeiro, no Monumento Nacional aos Mortos da 2ª Guerra Mundial, onde a Pátria lhes presta permanentemente homenagem e demonstra reconhecimento pelo seu nobre sacrifício no cumprimento do dever.

Em nossa cidade, o povo do Recife, através de sua Prefeitura Municipal, construiu no Parque 13 de Maio, o Monumento em Homenagem à FEB, onde estão gravados em bronze os nomes dos heróis pernambucanos que contribuíram com o seu generoso sangue para manter nossa Pátria livre de ideologias exóticas, incompatíveis com as nossas tradições.

Meus jovens camaradas: a Fôrça Expedicionária Brasileira sofreu muito. Foi uma experiência histórica de alta significação, mas ela nos custou uma soma bem grande de sacrifícios e muitos sofrimentos, e só se tornou possível em virtude da firme determinação dos seus chefes, dos seus oficiais e praças de levá-la a bom termo, graças ao seu alto espírito de sacrifício e à sua capacidade de sobrepujar tôdas as vicissitudes impostas por fatores ponderáveis, entre eles:

- a ausência prolongada da Pátria e da família;
- a hostilidade topográfica, climatérica e atmosférica, muitas vezes à temperatura de 20 graus abaixo de zero;
- o dever, perante o mundo, de impor sua vontade a um inimigo audacioso, fanático, òtimamente instruído, fortemente armado e equipado, com grande experiência de combate;
- os perigos permanentemente enfrentados, desde que se transpôs a barra do Rio de Janeiro;
- o enquadramento da nossa Divisão por comandos superiores estrangeiros, embora isso fôsse um fato normal, por se tratar de grandes unidades integradas por fôrças internacionais com o mesmo objetivo;
- a verificação direta do sofrimento moral e material de um povo irmão — o povo italiano — esmagado e desmoralizado — pela ocupação militar de dois mundos em choque;
- a perda diária de companheiros sacrificados no cumprimento do dever.

Mas em nenhum instante os nossos expedicionários se mostraram indignos dos nossos antepassados. Ao contrário, deram exuberantes e comovedoras provas de invulgar bravura, de capacidade superior de suportar adversidades, de firme determinação no cumprimento do dever, inspirando-se nos magníficos exemplos que em todos os momentos oferecia o nosso grande chefe, General João Baptista Mascarenhas de Moraes, cuja memória neste momento, com grande saudade e vibração patriótica, reverenciamos, juntamente com a memória dos heróicos companheiros que deixamos em Pístóia, quando regressamos ao Brasil, após o cumprimento do dever.



*“A arte do estrategista consiste em escolher as linhas de ação mais convenientes entre as disponíveis e orquestrá-las de tal maneira que produzam uma pressão psicológica suficiente para alcançar o desejado efeito no moral do oponente. Para que se possa determinar a melhor linha de ação, é preciso identificar e explorar os pontos vulneráveis do inimigo. Para isso, é necessário, através de uma análise sistemática, determinar exatamente o efeito que se deseja causar sobre o moral do inimigo”.*